
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Anais
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"

O DESAMPARO NA CONTEMPORANEIDADE E A BUSCA POR CURAS EM RITOS CATÓLICOS*

Aerton Alexander de Carvalho Silva, UNICAP**

Resumo

Numa sociedade cuja marca é a pluralidade de ofertas e de escolhas de sentido, a alternativa religiosa está elencada como uma possibilidade a mais de resposta a essa busca humana. O sentimento de desamparo que nos constitui parece eclodir com uma profunda dramaticidade na atualidade, a partir da sensação de abandono e de isolamento em uma sociedade do virtual e do urgente, vê-se pulular em movimentos católicos, com nuances pentecostais, a possibilidade de acolhida e cura para os indivíduos, como um sintoma do sentimento de desamparo, na tentativa de sentir-se amparado em algum sentido para a sua existência.
Esse quadro percebido na sociedade atual é bastante emblemático no que diz respeito à aproximação dos indivíduos à religiosidade que tem como tônica a cura. Há uma ruptura com a modernidade científica que duvidou da fé e um retorno ao sagrado ao ponto de trocar a medicina e a terapia convencional pelas orações, exorcismos, missas de cura e encontros onde os chamados carismas são enfatizados como meio de mudança de vida e de cura de patologias.

Palavras-chaves: Desamparo. Cura. Religião.

Identidades invisíveis: o desamparo na contemporaneidade

A chamada pós-modernidade trouxe-nos mudanças nos paradigmas sociais, políticos, econômicos, antropológicos, dentre outros, especialmente as mudanças comportamentais, psicológicas e religiosas têm sido perceptíveis atualmente nos indivíduos.

Assistimos à transição, quase que abrupta, de uma sociedade tecnicista e antropocêntrica para uma sociedade cibernética, quântica e subjetivista. Uma sociedade que oferece muitas possibilidades e algumas oportunidades; um período histórico em que as pessoas já não têm mais

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, realizado entre os dias 8 e 10 de setembro de 2016, na UNICAP, Recife. GT 15 – Nem todos os caminhos levam a Roma: continuidades e descontinuidades no Catolicismo no Brasil.

** Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, onde licenciou-se em Filosofia. Professor no Colégio e na Faculdade Damas, onde é membro do CONEPE.

tanto tempo para o ócio. Tudo urge, mas, ao mesmo tempo, tudo fica paralisado diante de uma conexão de internet mal sucedida ou do congestionamento infernal do transito das grandes e, até, nas pequenas cidades. Quase tudo se pode alcançar ou comprar; desde bens materiais, passando pela educação à distância, que faz pessoas dos mais longínquos e recônditos lugares tomarem posse do conhecimento e da formação sistemática; até o acesso virtual aos polos da terra.

Para Heidegger, o homem cuida e quer ser cuidado. Ontologicamente o ser humano é cuidado. Ora, nos dias de hoje o ser humano encontra-se angustiado e desamparado, homem que grita pelo cuidado. Há um abandono, um descuido pela vida, pelos pobres, pelos sonhos pela sociabilidade pela coisa pública e pela dimensão espiritual do homem.

À luz do pensamento e da metapsicologia de Freud essa procura do homem hodierno recorda a angústia original do indivíduo em busca das razões que estruturam seu ser. Aqui há que se entender o indivíduo que, a partir da experiência do "desamparo primordial do nascimento, a angústia na sua forma originária" (ROCHA, 2008, p. 136), deseja encontrar o que lhe dê sentido à existência.

Assim, o todo esse movimento religioso se oferece como resposta às aspirações e necessidades das novas demandas individuais. Assistimos ao surgimento de vários movimentos que se apresentam como lenitivo para a situação existencial vigente. É a chamada passagem de uma sociedade da tradição religiosa para a da decisão pessoal (LIBANIO, 2001. p. 54). Vive-se uma religiosidade de práticas individuais, às vezes invisíveis |à sociedade, mesmo que realizada no grupo maior.

> A noção de um 'sagrado sem lugar' ou tempo específico, que se dá na intercessão da religião com a cultura de consumo [...]. Expressa, [...], a onipresença do sagrado em todas as dimensões da experiência humana cotidiana. [...]. Com a expressão 'sagrado sem lugar' quero, portanto, chamar a atenção para uma experiência com o sagrado que não se encontra fixado em lugar algum, tempo, sociedade, instituição, grupo ou comunidade, nem mesmo em uma única linguagem ou gênero. (AMARAL , 2003, p.104)

A televisão e a internet tornam-se instrumentos de propagação desta pluralidade. Os meios de Comunicação vendem como produto de mercado, a religião do sucesso e da cura, para indivíduos angustiados e agitados. Por meio do marketing, do estímulo forte aos sentidos humanos, dos choques visuais, auditivos e emocionais, a mensagem de mudança miraculosa ecoa aos quatro cantos.

Como resposta ao anonimato das cidades e à solidão, novas formas de expressão religiosa oferecem uma nova experiência do suprassensível. Grupos religiosos que outrora se engajavam nas lutas sociais e políticas abandonam a militância. "Muitos militantes de ontem estão hoje em movimentos religiosos, ou baldearam para o sistema" (LIBANIO, 2001, p. 145). Nessa nova onda de espiritualidade, os movimentos sociais que emergem, buscam, muitas vezes, apenas, a liberação da subjetividade.

Num quadro de mudanças de referenciais há uma nova rede de significados. Um outro tipo de racionalidade está surgindo. Algo novo, enquanto sistema de civilização: um tempo que se caracteriza pela pluralidade.

Se antes as identidades estabilizavam o mundo social, agora, surgem novas identidades fragmentando o indivíduo que, até então, era tido como sujeito unificado. Com essas mudanças, as identidades pessoais também estão sendo abaladas enquanto ideia que cada um tem de si próprio, enquanto sujeito integrado.

Outrora o sujeito do iluminismo havia concebido uma visão de identidade unificada e centrada em si mesmo. O sujeito sociológico levou os indivíduos a se reconhecerem na interação com a sociedade. Na pós-modernidade o sujeito já não mais concebe uma identidade fixa ou permanente; há uma mobilidade de identidade. Agora a identidade está ligada à história do sujeito e não mais ao aspecto biológico.

As sociedades modernas, em um processo perene de rupturas e fragmentação, estão constantemente sendo descentradas. Ora, se a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado, então

a identificação não é mais automática, mas, pode ser adquirida ou descartada segundo cada situação histórica do sujeito.

Com o advento da psicologia, o estudo do indivíduo e de seus processos mentais tornou-se objeto de pesquisa especial e privilegiada. A psicologia passou a reconhecer esse mesmo indivíduo percebendo que a sua situação atual é, na maioria das vezes um sujeito isolado, exilado ou alienado e colocado como pano de fundo da multidão da metrópole impessoal.

Segundo Stuart Hall as reflexões de *Marx, Althusser, Freud* e *Lacan* levaram à compreensão de que, ao invés de falar de identidade como coisa acabada, dever-se-ia falar de identificação como um processo em andamento:

> "A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior(...) psicanaliticamente, nós continuamos buscando a identidade e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos *eus* divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude" (HALL 2005, p. 39).

Isso nos faz perceber que a questão da identidade tem sido discutida como algo menos estático, mais dinâmico. Thomas Luckmann busca demonstrar que, ao lado da religião tradicional, o indivíduo tem buscado, em nossos dias, uma forma de religiosidade que responda aos seus interesses pessoais. A questão do sagrado passa a ter significado último com a esfera da vida privada e com a biografia da cada indivíduo. Se antes o que ordenava a vida social e pessoal eram as regras institucionais, agora, é a experiência individual, a auto-expressão, que determinará o cosmos sagrado de cada sujeito nesse seu desejo de formar uma identidade (LUCKMANN, 1973, p. 121). Ou ainda, como afirma Berger: "como realidade objetiva, a sociedade pode fornecer ao homem um mundo para habitar. Esse mundo abrange a biografia do indivíduo, que desdobra uma série de acontecimentos dentro desse mundo" (BERGER, 1985, p. 26)

Em sua concepção, Luckmann percebe a que a sociedade encontra-se em perene mudança e a questão que se coloca é a posição do indivíduo e a questão da religião[1] nessa sociedade em mutação. Pautando a sua argumentação a partir dos estudos de Durkheim e Weber, Luckmann afirma que enquanto nas religiões primitivas, a crença tinha uma função integradora, na modernidade secularizada "há uma decrescente capacidade de atração" (LUCKMANN, 1973, p 32) por parte das religiões institucionalizadas.

E Luckmann, arremata:

> O indivíduo [...] encontra o significado último primeiramente na esfera da vida privada e, portanto em sua biografia privada. Os universos tradicionais se convertem em irrelevantes para a experiência diária do indivíduo típico e perdem, portanto o caráter de realidade superordenadoras (LUCKMANN, 1973, p.121).

As instituições sociais que até então davam sentido à vida comum, recebem adesão ao sabor das individualidades. As subjetividades já não mais acolhem com o mesmo grau de relevância a ordem social e o transcendente, como outrora. Já não mais há restrições externas ou imposições tradicionais às quais os indivíduos se submetam, pois, tudo passa a girar em torno de si. "O indivíduo encontra uma fonte de significado último na dimensão subjetiva de sua biografia embarcando em um processo de auto-realização e auto-expansão" (LUCKMANN, 1973 p.122). A auto-expressão e a autorrealização são as principais características dessa autonomia da individualidade que gera um cosmos sagrado muito próprio a cada sujeito. Cada indivíduo estaria em busca de definir a sua própria identidade. Nessa esteira, o indivíduo cria o seu cosmo sagrado de acordo com o seu momento biográfico.

[1] Aqui os termos "religião" e "religiosidade" são usados como sinônimos. E isto está influenciado por Luckmann, que entende religião tanto como a instituição quanto à experiência religiosa pessoal. (LUCKMANN, 1973).

A busca por curas em ritos católicos

Uma sociedade adoentada emocionalmente, psicologicamente e fisicamente tem procurado, em lugares estranhos à área de saúde ou às áreas habilitadas para tal tarefa, a solução para as mais diversas sintomatologias. Levados à esfera de doenças espirituais, no sentido unicamente religioso, muitas patologias não estão sendo tratadas e, por vezes, agravadas pelos exercícios de cura nesses movimentos. Leonardo Boff em seu livro Saber cuidar afirma que a fabulo-mito Greco-latina do Cuidado é bastante significativa para o contexto atual de descuido, afinal, "o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser-singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos" (BOFF, 1999, p. 89). E, se alguns traduzem cuidado do latim como cura, podemos compreender que a busca de cura nos ritos pentecostais católicos tem, certamente, um fundo psicológico onde subjaz um descuido.

Esses fenômenos religiosos têm sido vivenciados pela sociedade atual como num grande retorno à espiritualidade. Em sua grande maioria, tais vivências, por vezes vistas como tão ingênuas ou mesmo positivas, escondem uma deficiência ou insuficiência nas ações ou programas de educação e saúde oferecidos pelas políticas públicas, bem como relegada pela própria hierarquia da Igreja Católica como apenas mais um fenômeno passageiro.

Há Emergência do sagrado na vida social e individual. De modo particular, na Igreja Católica, multiplicam-se as reuniões de oração, por vezes associadas a celebrações litúrgicas como missas de cura e uma infinidade de grupos cuja prática principal tem sido a da cura e libertação.

Ao ligarmos um aparelho de TV nos canais abertos, encontramos uma sucessão de programas cujo patrocínio e execução está sob a orientação de religiosos. Um grande número desses programas pertence a grupos cristãos neo-pentecostais. Nascidos nos anos 60, nos Estados Unidos, esses grupos

religiosos ou igrejas, pregam os dons ou carismas do Espírito Santo, uma das três pessoas da Santíssima Trindade. Na Igreja Católica a influência desses grupos chegou por meio da Renovação Carismática Católica (RCC). A principal característica desse movimento neopentecostal é a crença de que o Espírito Santo chama e capacita a todos, sem distinção de classe, raça, intelectualidade ou condição social para viver e pregar o evangelho.

Bastante significativa é a questão das curas nesses movimentos. O mal, ou demônio, entraria na vida das pessoas de várias maneiras, uma delas, à luz das livres interpretações dos milagres de Jesus, por meio das doenças psíquicas ou físicas como paralisias, cegueira, surdez, câncer, artrite, dentre outras.

Ora, diante de um quadro de carência, da dificuldade de acesso à informação, da negligência dos poderes públicos em relação à saúde da população e da sensação de abandono, diversas comunidades católicas têm se tornado lugar de acolhida, onde cada um é chamado pelo nome, acompanhado pelos ministros e recebem orações individuais e coletivas. Tal lenitivo fideliza e gera uma sensação de bem-estar que muitas vezes atrela-se à chamada cura. As reuniões de oração, associadas a celebrações litúrgicas, com o fim de alcançar de Deus a cura tem-se multiplicado. É nesse fenômeno que destacamos as missas de cura e libertação.

> As "liturgias de cura", nem sempre isentas de excessos psicoespirituais e de confusão doutrinal, tendem à "cura integral", isto é, a todos os componentes da saúde. Embora a experiência ateste não pouca cura física (cuja verificação científica não faz parte dos interesses da Renovação Carismática), a atenção se dirige em especial à cura interior (a *inner healing*). (ALVAREZ, 2013. p. 42)

Interessante observar que grande parte dos neo-convertidos, que pertencem a esses movimentos, conforme os testemunhos divulgados massivamente pelo meios de comunicação social ligados aos mesmo, fizeram a sua experiência de "conversão" em momento de profunda crise nas suas existências. Assim toda a sensação de abandono vivenciada ao extremo; nesses rituais, encontram um lugar de calmaria e acolhida

restauradora. O indivíduo na vivência daquela religiosidade biográfica citada por Luckmann, passa a perceber-se com centro na experiência centrada no a sua subjetividade.

Vários são os relatos de visões, desmaios, choros convulsivos, sensação de anestesia no corpo, histerias, e tantas outras experiências que se multiplicam numa infinidade de celebrações, das mais agitadas e concorridas às mais recônditas e isoladas. Todas essas missas, adorações e orações, tem algo em comum, o desejo de cuidar de algo cuja situação lhe fugiu do controle e, sobre a qual, se crê que só a ação divina pode atuar. Muito especialmente as questões emocionais, financeiras e, especialmente de saúde, são a força motriz a arrastar os fiéis para estes rituais.

Há, também, nessas celebrações litúrgicas, tal como missas de cura, adorações das quintas feiras, bênçãos do santíssimo e grupos de oração, uma revalorização da força terapêutica da fé que, segundo Álvarez (2013. P. 42) pode psicologizar a fé "absolutizar a saúde, transformando-a quase em um bem essencial que Deus não nega a quem pede, caso mantenha todos os requisitos, e, se não a concede a quem assim age, como acontece com frequência, o orante até pode sentir-se culpado".

Esse sentimento de culpa, tão comum à tradição judaico cristã, percebe a doença e todo sofrimento humano como castigo de Deus por conta do desvio humano que se dá graças ao livre arbítrio. Assim, o resultado dessa compreensão é que à dor corpórea provocada pela doença adiciona-se o sofrimento que advém do sentimento de culpa. Assim compreendidos a dor e o sofrimento da doença, cabe ao ser humano aceitar passivamente a enfermidade tida como merecida e buscar a cura nos rituais que habilitam o próprio ser humano de volta à amizade com a divindade.

Na atualidade as formulações cristãs de uma forma mais ampla, e mesmo na teologia católico percebe o quadro da doença e da dor humana numa outra perspectiva.

> O ser humano por sua condição de criatura é finito, limitado, contingente, efêmero, sujeito a processos naturais que

> alternam doença e saúde, dor e bem-estar, nascimento e morte. Estes processos inerentes à condição humana não resultam de castigos divinos, não constituem valor em mesmos, portanto não devem ser procurados, autoinfligidos ou vividos em total passividade. Pelo contrário, cabe aos humanos como seres livres, racionais e criativos desenvolver saberes e tecnologias que objetivam curar doenças, controlar e minorar as dores e os sofrimentos, manter e prolongar a vida de maneira o mais satisfatória possível (VILHENA 2012, p. 67).

Uma terapêutica mais ampla pode revestir de um novo paradigma a questão da dor, do sofrimento e da doença. Ao contemplar a vida a partir de um novo lugar da percepção, considerando toda a sua limitação e fragilidade, e a uma gama mais abrangente de possibilidades científicas, humanísticas, existenciais e religiosas, os indivíduos podem encontrar o sentido para o seu existir, mesmo diante de um quadro pessoal ou social de enfermidade. A área médica, a psicologia, a sociologia e a própria fé, mesmo na sua ação sacramental podem e devem dar o seu contributo para um processo de ordenamento pessoal e social às demandas sempre mais crescentes de pessoas fraturadas existencialmente, com suas patologias e com todo o potencial de superar suas dores, com o auxilio da ciência e o amparo de uma fé amadurecida e libertadora das condições sócio-ambientais, físicas e religiososas.

Conclusão

As Igrejas lotadas de fiéis, em dias e horários específicos, na maioria das vezes durante a semana, o que difere da tradição católica da frequência dominical. As missas e adorações nas quintas feiras, os grupos de orações vespertinos ou noturnos em salões de igrejas e em residências, demonstram uma mobilidade e uma busca por celebrações de cura, aos moldes pentecostais, entre os membros da Igreja católica.

O formato fechado e dogmático do rito romano tem-se deparado e convivido com um estilo celebrativo mais heterodoxo. As missas de

cura,com seus cantos, braços elevados e palmas, que a cada dia pululam nas mais longínquas cidades ou nos centros urbanos, denunciam, também, um sintoma de uma sociedade adoecida ao longo do tempo, pelo frenesi da modernidade que leva os indivíduos à sensação de que foram abandonados da nau da história.

São homens e mulheres das classes menos favorecidas ou cidadãos bem formados e pós-graduados nas universidades com funções de destaque na sociedade. Todos, numa procissão de degredados do paraíso e abandonados na dor existencial e física, numa busca pelo afeto e pelo cuidado de um Deus que há muito se encastelara na torre das rubricas e cânones, e que hoje, ressurge nos novos arranjos celebrativos como forma de arrebanhar as ovelhas que foram buscar amparo em outros apriscos.

Os ritos celebrativos de cura, em especial as adorações e missas, demonstram a busca do indivíduo moderno, subjetivista, de uma fragilidade identitária assustadora e de uma mobilidade religiosa expressiva, no afã de agarrar-se, mesmo que momentaneamente a uma tábua ou a um ostensório de salvação para suas situações de penúria e dor.

Esses ritos acalmam, mas também potencializam as doenças quando não orientados a partir das perspectivas terapêuticas especializadas. Podem auxiliar e alavancar a cura, bem como potencializar a doença. Há que se aprofundar o tema, oferecendo uma reflexão que, ao mesmo tempo, considere e respeite essas formas de religiosidade, sem, contudo, eximir o estudioso do tema à crítica construtiva diante de todo o quadro apresentado.

Referências

ÁLVAREZ, Francsico. **Teologia da saúde**. São Paulo: Paulinas, Centro Universitário São Carlos, 2013. 358p.

AMARAL. Leila, **Carnaval da Alma**: Comunidade essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000. 230p.

_____, **Deus é Pop**: sobre a radicalidade do trânsito religioso na cultura popular de consumo. In: Paulo Siepierski; Bendito Gil. (Org.). Religião no Brasil: Enfoques, dinâmicas e abordagens. São Paulo - SP: Paulinas. 2003.

MARTINI, Antonio. Alexandre A. Martins. **Teologia e saúde: compaixão e fé em meio à vulnerabilidade humana.** São Paulo : Paulina, 2012 – (Coleção Teologia na Universidade)

BARRERO, Pablo. **Fragmentação do sagrado e crise das tradições na Pós-Modernidade**: desafios para o estudo da religião. *In*: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio L. **Teologia na Pós-Modernidade**: abordagem epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas. 2003. 496p.

BENEDETTI, Luís Roberto. Pós-modernidade: abordagem sociológica. I*n*: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio **Teologia na pós-modernidade**: abordagens epistemológica e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003. 496p.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 94p.

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia**: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998. 174p.

_____. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos.** 20ed. Petrópolis:Vozes, 1999.

_____. **Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. 16. Ed. Petrópolis : Vozes, 1999.

BOROBIOD. **Pastoral dos sacramentos.** Petrópolis:vozes, 2000

Congregação para a doutrina da fé. **Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura**. 3ed. S. Paulo, Paulinas: 2001 24p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GRESCHAT, Hans-Jurgen. **O que é ciência da religião**. Trad. Frank usarski, São Paulo: Paulinas, 2005. 165p. (Coleção repensando a religião)

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Lobo – 10ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 104p.

HEIDGGER, M., **Ser e Tempo**. trad. De Márcia de Sá Cavalcante, Vozes, Petrópolis 1989

LIBÂNIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002. 283p. (Coleção Theologika).

LUCKMANN, Thomas. **La religión Invisible**: el problema de la religión en la sociedad moderna. Trad. Miguel Bermejo. Salamanca – Esp.: Ediciones Sigueme, 1973. 129 p.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995. 496p.

ROCHA, Zeferino. **Freud: Aproximações**. 2. Ed.Recife : Editora Universitária da UFPE, 1995.

_____. **Freud: novas aproximações**. Recife : Editora Universitária da UFPE, 2008

TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sério L. **Teologia na Pós-Modernidade**: abordagem epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas. 2003. 496p.

SHLEMON, Barbara L./ LINN Dennis. **Curar como Jesus curou: o sacramento da unção dos enfermos.** São Paulo: Loyola. 1981

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 133p.

TERRIN, Aldo Natalle. **Nova era**: A religiosidade do pós-moderno. São Paulo: Loyola, 1996. 230 p. (Coleção Temas de Atualidade).

TOURAINE, Alain. **Um novo paradigma:** para entender o mundo de hoje. Trad. Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes. 2006. 258p.

TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sério L. **Teologia na Pós-Modernidade**: abordagem epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas. 2003. 496p.